

As lições da covid já foram esquecidas

A vacina de mRNA permitiu ao capitalismo global escapar de um acerto de contas mais uma vez

Por Antara Haldar

Valor, 03/01/2025

Em dezembro de 2019, enquanto o mundo se preparava para um novo ano, um novo vírus se espalhava silenciosamente pela China, tendo provavelmente passado de animais para humanos em um “mercado úmido” de Wuhan. Logo, a pandemia de covid-19 pararia o mundo, forçando bilhões de pessoas a entrarem em confinamentos sem precedentes e paralisando as economias ao redor do planeta. Cinco anos depois, ainda estamos lidando com os efeitos desse “rinoceronte cinza”: um risco de alta probabilidade que, no entanto, foi negligenciado ou ignorado.

O que aprendemos? Para começar, a pandemia expôs falhas fundamentais no design da economia mundial. Em um mundo tão fortemente interconectado, o vírus conseguiu se espalhar globalmente no espaço de apenas algumas semanas, e os governos, concentrados nos objetivos econômicos de curto prazo, relutaram em fazer o que era necessário para evitá-lo ou contê-lo. Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitisse alertas, faltavam-lhe os recursos ou a autoridade para adotar medidas decisivas. Com o aumento das hospitalizações, nenhum sistema de saúde do mundo mostrou ser páreo para vírus.

Além disso, a desigualdade - entre e dentro dos países - alimentou tensões sociais elevadas durante os “lockdowns”, exacerbando as lutas de classe e gênero, mas também os conflitos entre o norte e o sul globais. Após a distribuição da vacina, os países mais ricos acumularam doses, enquanto bilhões de pessoas nos países mais pobres tinham que esperar meses, ou mesmo anos, para ter acesso.

Esse “nacionalismo da vacina” foi um fracasso estratégico e moral. Novas variantes do vírus logo surgiram, prolongando a pandemia e minando a recuperação global. A pandemia também expôs, e alimentou, uma perda de confiança nas instituições, pois campanhas de desinformação e informações enganosas levaram à insatisfação com as respostas governamentais à pandemia. Medidas de bom senso, como o distanciamento social e as máscaras, logo se tornaram questões políticas profundamente divisivas.

A pandemia também deu urgência a questões que podem parecer remotas ao funcionamento cotidiano da economia. Devemos pensar na economia como independente da sua sociedade hospedeira? Pode haver uma economia global sem instituições globais?

Por um breve momento, pareceu que a covid poderia ser o alerta necessário para finalmente promover uma maior solidariedade econômica. Quando a gravidade da crise se tornou evidente, muitos governos se movimentaram relativamente rápido para impor lockdowns, proteger as populações vulneráveis e implementar intervenções fiscais e monetárias em uma escala sem precedentes, para evitar uma queda econômica abrupta. Foi a primeira vez na memória

recente que os formuladores de políticas começaram a ouvir mais atentamente os epidemiologistas do que os economistas, priorizando as pessoas sobre os lucros.

O vírus iluminou o caráter dos “bens comuns”, borrando a linha entre o interesse individual e o interesse coletivo. Ele apresentou um problema de ação coletiva que só poderia ser resolvido por um esforço coordenado. Por um breve momento, o confronto generalizado com a morte pareceu trazer à tona um lado mais bondoso e gentil da sociedade.

Mas um avanço científico encerrou abruptamente esse estado moral de exceção. Como argumentou o historiador econômico Adam Tooze, a vacina de mRNA permitiu ao capitalismo global escapar de um acerto de contas mais uma vez. A pandemia demonstrou claramente que nossos sistemas econômicos atuais, com seu foco míope nos interesses de curto prazo, são fundamentalmente mal equipados para lidar com o que o ecologista e microbiologista Garrett Hardin chamou de uma “tragédia dos comuns”. Mas essa fragilidade inerente logo foi encoberta.

Embora o ímpeto para a reforma tenha sido perdido, ainda é óbvio que precisamos de instituições internacionais capazes de alinhar os interesses globais de longo prazo com os incentivos de curto prazo. As vacinas permitiram que a covid fosse tratada como uma aberração, mas não devemos nos esquecer o que ela realmente foi: uma prévia do tipo de desafios planetários que nos aguardam. Diante das mudanças climáticas, da inteligência artificial descontrolada e outros acontecimentos, as soluções cooperativas transnacionais não são uma indulgência idealista, e sim uma necessidade existencial.

Desde que os lockdowns da pandemia foram suspensos, voltamos em grande parte à rotina habitual, desviando o olhar da fragilidade das cadeias globais de abastecimento que resultou na escassez de bens essenciais - consequência da produção “just-in-time” e da dependência excessiva de centros de produção concentrados em nome da eficiência. Em vez de reinventar nossas redes de produção para torná-las mais resilientes e descentralizadas, mais uma vez estamos em busca da “fábrica mundial” mais barata possível.

Os “trabalhadores essenciais” que homenageamos brevemente, batendo panelas, continuam sendo um precariado em grande parte não sindicalizado, sem a garantia de uma rede de segurança social robusta. As desigualdades que denunciávamos só se agravaram, com a Oxfam observando que a pandemia deixou 5 bilhões de pessoas mais pobres, enquanto dobrou as fortunas dos cinco homens mais ricos do mundo.

Da mesma forma, o clamor contra a injustiça social após a morte de George Floyd está agora sendo descartado como parte da agenda “woke” que os eleitores dos EUA rejeitaram nas urnas em novembro. Após dois anos de negociações, o esboço de um tratado global sobre pandemias continua sem assinatura e os 7 milhões de pessoas mortas diretamente pelo vírus se tornaram estatísticas.

A dura verdade a ser lembrada para o ano novo é que ameaças como a crise climática, a IA desenfreada e o aumento das tensões geopolíticas, sem mencionar riscos à saúde pública como a gripe aviária e a mpox, estão silenciosamente ganhando força - assim como o vírus fazia há cinco anos. Há

um número limitado de vezes em que a ciência virá em nosso socorro. Quando ela não fizer isso, nossas instituições serão capazes de nos proteger?

Vale lembrar que a covid-19 foi um único “rinoceronte cinza”, e foi o suficiente para nos paralisar. Uma manada de rinocerontes - o risco que enfrentamos em 2025 - é chamada, de forma apropriada, de “colapso”. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Antara Haldar, professora associada de Estudos Jurídicos Empíricos na Universidade de Cambridge, é professora visitante na Universidade Harvard e pesquisadora principal de uma bolsa do Conselho Europeu de Pesquisa sobre direito e cognição. Copyright: Project Syndicate, 2024.